

## **A primeira foto de Roraima utilizada como fotojornalismo: História de vidas, história dos fatos<sup>1</sup>**

Berto Batalha Machado CARVALHO<sup>2</sup>  
Maurício Elias ZOUÉIN<sup>3</sup>  
Tatiane Pereira RAMOS<sup>4</sup>

Universidade Federal de Roraima, RR

### **Resumo**

Este artigo é resultado da primeira fase do projeto de pesquisa “Vale do Rio Branco” na Universidade Federal de Roraima onde buscamos demonstrar as histórias de vida do pesquisador Theodor Koch-Grünberg, do fotógrafo George Huebener, e os fatos que levaram a inserção de dez fotografias no jornal alemão Berliner Illustrierte Zeitung. Sendo esse acontecimento marcante para a história do fotojornalismo na Amazônia. Tanto por divulgar a cultura amazônica na Europa como sendo o start da utilização da fotografia produzida em Roraima e a sua utilização no jornalismo internacional.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo, Amazônia, fotografia alemã

### **A Fotografia**

A fotografia é uma forma de obter registros que servem como fonte documental. (BONI; MORESCHI, 2007). Cientistas e pesquisadores ao redor do mundo, contribuíram para a formação da fotografia com experiências e descobertas. O descobrimento da câmara escura (caixa preta totalmente vedada da luz) foi o primeiro passo para o surgimento da fotografia, por se tratar de um objeto que reproduzia a imagem exposta a luz.

Quando diante deste objeto iluminado, o orifício da câmara escura deixa passar para o seu interior alguns desses raios que irão se projetar na parede branca. Esta projeção se apresenta invertida e de cabeça para baixo. A partir do momento em que se substitui a parede branca pelo pergaminho de desenho, essa falta de definição passou a ser um grande problema aos artistas que pretendiam usá-la na pintura (...). A Câmara Escura. O conhecimento de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Junior – XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 3 a 7 de Setembro de 2012.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Aluno pesquisador do Núcleo de Pesquisa Semiótica na Amazônia (NUPS/UFRR). E-mail: bertobatalha@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor efetivo do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Coordenador no Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia (NUPS/UFRR). Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Cultura e Tecnologia (LCT/NUPS/UFRR). E-mail: mauriciozouein@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Aluna pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Semiótica na Amazônia (NUPS/UFRR). E-mail: tathiramos@hotmail.com.

seu princípio ótico é atribuído ao chinês Mo Tzu no século V a.C., sendo que outros esta façanha atribuem à Aristóteles (século IV a.C.). A partir do século XII a câmara escura se torna comum entre os sábios europeus para a observação de eclipses solares, sem prejudicar os olhos (MANO, 1998).

A própria alquimia renascentista já registra as propriedades fotossensíveis da prata, sendo referenciada em 1566 por Georg Fabricius, o que indica que o conhecimento destas propriedades devia ainda ser anterior ao séc. XVI (SALLES, 22 de set. 2008).

Durante uma captação de imagem por meio da exposição à luz sobre determinado objeto, Daguerre descobriu inesperadamente o processo que acelerou a revelação da imagem, assim, a exposição da chapa a luz passou a ser de horas para minutos, além disso, a experiência mostrou que a imagem não desaparecia rapidamente como em processos anteriores.

No daguerreótipo, a placa é sensibilizada à luz ao expô-la a vapores de iodo que, ao se combinar com a prata, produzem o iodeto de prata fotossensível. Exposta à luz, a placa registra uma imagem invisível, chamada 'imagem latente'. O tempo de exposição é de cerca de 20 a 30 minutos, ao contrário dos métodos anteriores que demandavam muitas horas (ALTMAN, 19 de ago. 2011).

Foi a partir desta descoberta que Daguerre obteve o método adequado até então para fixar a imagem na chapa. Na época, emitir algo tão próximo da realidade (fotografia) causou impacto e euforia na sociedade, pelo fato das pessoas conhecerem somente pinturas de artistas que retratavam fatos, porém, as pinturas não tinham traços tão reais como a imagem fotográfica – conhecida na época como *daguerreótipo*.

Daí os méritos inegáveis de Daguerre. Seus experimentos podiam ser repetidos sem grandes dificuldades por qualquer pessoa e o resultado era melhor. O primeiro daguerreotipo foi obtido dois anos após a morte de Niépce, mas sem suas descobertas, talvez não tivesse acontecido (FUJIFILM, 2007).

Daguerre produziu um pequeno daguerreótipo nessas condições em 1837, e em 7 de janeiro de 1839, é anunciada a descoberta do processo na Academia de Ciências de Paris (SALLES, 22 de set. 2008).

A que se destacar também Josej Petzval, que criou uma lente capaz de captar a imagem em menos tempo de exposição à luz, assim a captação da imagem exposta à luz seria de menos tempo, as pessoas não precisavam ficar por tanto tempo paradas.

Josef Petzval, matemático húngaro, que libertou os primeiros fotógrafos dos absurdos tempos de exposição, que chegavam à 30 minutos nos primórdios: uma lente dupla, formada por componentes distintos, com abertura f 3.6, trinta vezes mais rápida do que as tradicionais lentes Chevalier, adotadas até então (FUJIFILM, 2007).

Isto ocorreu na década de 40 do Século XIX. De lá para cá, todas as demais invenções foram aperfeiçoamentos de um mesmo sistema. Outra revolução igual só aconteceria com o advento da câmara digital (FUJIFILM, 2007).

### **História da fotografia no Brasil**

O francês Antoine Hercule Romuald Florence desenvolveu habilidades na área da física, matemática, geografia, interesse por viagens marítimas e por desenho – que levaria a ter gosto pela fotografia mais tarde. Chega ao Brasil em 1824.

Hércules Florence, ao chegar ao Rio de Janeiro em 1824, sem conhecer o idioma local, foi trabalhar na livraria e tipografia de Pierre Plancher, quando, por meio de um anúncio, ficou sabendo que uma expedição científica estava recrutando desenhistas para fazer a documentação da viagem. Essa expedição ficou conhecida como Expedição Langsdorff. Na volta dessa expedição publicou no Rio de Janeiro um estudo sobre os sons emitidos pelos animais, os quais chamou de “Zoophonie” ou “Zoophonologie” (OLIVEIRA, 2003).

Esta expedição ao interior do Brasil tinha como objetivo explorar o local e registrar o que encontrarem de interessante pelo caminho. Florence tinha a função de fazer esses registros, ainda por meio de desenhos e pinturas, seu objetivo era documentar a flora e a fauna, além dos povos indígenas existentes na região, os seus costumes e o local onde habitavam.

A descoberta isolada da fotografia no Brasil surgiu no ano de 1833, pelo cidadão francês Hercules Florence (1804 - 1879), radicado na Vila de São Carlos (hoje Campinas), São Paulo, junto com ele outros pioneiros destacam a fotografia no nosso país dentre eles Marc Ferrez (1843-1923) e Militão Augusto de Azevedo (1837- 1905) (ANDRADE, 2004).

Joaquim Corrêa de Mello, botânico e químico brasileiro, contribuiu para o aprimoramento da fotografia. Joaquim trabalhava na farmácia do sogro de Florence, assim, aproximarem-se e juntos criaram um processo, onde as imagens criadas pela ação da luz eram impressas sobre nitrato de prata.

Florence havia manifestado ao botânico Joaquim Corrêa de Mello o desejo de encontrar uma forma alternativa de impressão por meio da luz do Sol, que não precisasse das pesadas máquinas de tipografia, e um meio simples em que as pessoas pudessem imprimir. Corrêa de Mello informou a Florence que as substâncias que poderiam atender às suas necessidades seriam os sais de prata, pois esses sais escureciam em função da luz (OLIVEIRA, 2003).

Sais de prata, usado na impressão da imagem exposta a luz, não foi o único produto químico utilizado por Florence, fez pesquisas também com urina e sais de ouro, relatando suas experiências junto a Corrêa de Melo. O francês fez anotações sobre suas pesquisas com urina, sais de prata e ouro. (OLIVEIRA, 2003). Faziam experiências com urina por não ter amoníaco disponível na região. A partir desse momento, ele e Corrêa de Mello começam a fazer experiências com a urina, pois eles não dispunham de amoníaco na Vila de São Carlos (OLIVEIRA, 2003).

Apesar de ter criado um meio de captar imagens de pessoas e objetos e lugares, Florence não prosseguiu com sua invenção e mesmo com o empenho requerido acabou se frustrando, e só com a criação do daguerreótipo surgido na Europa é que a fotografia disseminou no Brasil.

As dificuldades, encontradas por Hércules, para publicação de seus estudos, fizeram com que, entre 1832 e 1836, pesquisasse uma forma alternativa de impressão. Esse estudo foi chamado Poligraphye<sup>6</sup>, e seu objetivo inicial fora a impressão das artituras sobre a Zoofonia. Hércules Florence chegou, com essa pesquisa, a obter uma série de exemplares, de diplomas maçônicos e rótulos de farmácia em papel fotossensível, sensibilizado por sais de prata. Utilizou, para isso, o princípio da câmera obscura, aplicado a um processo que chamou de “photographie” (OLIVEIRA, 2003).

Louis Compte, capelão do O’Orientale, produziu os primeiros daguerreótipos, e já havia visitado outros países divulgando a chegada da fotografia ao mundo. Quando este processo fotográfico foi apresentado a D. Pedro II, ele ficou maravilhado e ao tomar conhecimento de um método que poderia captar uma imagem, providenciou um equipamento para si a fim de também ser um fotógrafo, como aconteceu, tornando-se o primeiro cidadão brasileiro a tirar um retrato. Com esse feito, começa a surgir no Brasil às imagens fotográficas que devido aos processos de aperfeiçoamento tornou-se a forma de como é hoje.

Militão Augusto de Azevedo, em 1862, foi pioneiro na arte de fotografar, fez uma elaboração de imagens reproduzidas através de fotografia na cidade do Rio de Janeiro, é o primeiro acervo ilustrativo da década de 80, descrevendo por meio das imagens a história e o desenvolvimento de uma cidade.

Embora a fotografia brasileira do século XIX tenha alcançado excelente nível de qualidade, sua produção é incomparável, em termos quantitativos, com a de outros países onde a situação econômica e social era mais favorável, possibilitando o seu consumo a maiores camadas da população (ANDRADE, 2004).

A fotografia veio trazer ao meio jornalístico a possibilidade de relatar acontecimentos, por meio das figuras, que falam bem mais que textos escritos, e a probabilidade em registrar imagens instantâneas fizeram com que o fotógrafo desse início a partir da captação das imagens, noticiar a passagem de um evento em percurso.

O grande fotógrafo paisagista de origem alemã Augusto Stahl, que atuou inicialmente em Recife e mais tarde no Rio de Janeiro, realizou em 22 de novembro de 1859 uma primordial “reportagem fotográfica” do desembarque de “Suas Majestades Imperiais”, D. Pedro II e D. Thereza Cristina Maria (ANDRADE, 2004).

Com o surgimento da fotografia e a oportunidade de publicar notícias de vários lugares nos jornais, fotógrafos buscavam imagens importantes ou impactantes que aconteciam ao redor do mundo. Exemplo disso, um dos precursores em reportagem fotográfica, Juan Gutierrez Padilla, foi o primeiro mártir em transmitir por meio de registros, a Revolta Armada.

Segundo George Ermakoff, “o registro fotográfico da Revolta da Armada [realizado por Gutierrez] foi o primeiro grande trabalho de fotojornalismo realizado no país. Sua morte em Canudos, no trágico da batalha, transformou-o no primeiro mártir do fotojornalismo brasileiro (ANDRADE, 2004).

Em 1875, chega ao Brasil Raphael Augusto Bordallo Protes Pinheiro, artista gráfico e caricaturista que colabora na imprensa ilustrada carioca com a publicação de textos impressos a partir de composições tipográficas e imagens impressas a partir de matrizes xilográficas para que ambas pudessem conviver e dialogar. A passagem de Raphael Bordallo pelo Brasil é responsável por um dos momentos mais marcantes relacionados ao nascimento da fotorreportagem na imprensa carioca.

Com a ajuda de um amigo e colega de trabalho, José do Patrocínio, Raphael Bordallo publica na primeira página do número 20 de julho de 1878 de *O Besouro*, duas fotografias como denúncia, a respeito da seca no Ceará. Esse acontecimento foi no ano de 1877 a 1878 (ANDRADE, 2004), quando uma seca devastou o Nordeste Brasileiro, foi a maior daquele século e atingiu em especial a capital Cearense.

José do Patrocínio, jornalista, se depara com um cenário chocante e miserável quando chega ao Ceará, durante a viagem as paisagens eram encantadoras e tudo colaborou pra que ele pudesse relatar notícias e enviar para o jornal de textos no qual trabalhava intitulado: *A Gazeta de Notícias*, mas ao encontrar a verdadeira miséria no Ceará, Patrocínio decidi enviar imagens feitas naquele lugar ao jornal “*O Besouro* folha ilustrada, humorística e satírica” (ANDRADE, 2004), de seu colega Rafael Bordallo, no qual essa notícia através de fotografias ganharam repercussão pelo fato de ser denúncias de um povo que vivia num estado de calamidade e miséria, uma população doente e inválida que morria nas ruas. Com toda a retórica e eloquência que o jovem jornalista possuía, não era o suficiente para descrever aquela situação.

O objetivo de Bordallo era representar a notícia por inteiro, através das cópias fiéis das fotografias. “Tudo indica que a ele se deve o primeiro uso da fotografia como instrumento de denúncia, um fato grave que o poder constituído se rejeitava a reconhecer” (ANDRADE, 2004, pág. 196).

Ninguém mais útil, pois, do aquele que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente e desenvolver as sombras do futuro. (Hipólito José da Costa, trecho da introdução do *Correio braziliense*, n.1, p.1, jun.1808- ANDRADE, 2004).

Uma reportagem fotográfica foi intitulada “Como Tammany Hall negligencia as ruas de Nova York”, o repórter ao aduzir as imagens, queria usar a notícia como denúncia inserindo fotografias mostrando as péssimas condições da rua. Logo após as críticas atendidas a respeito da avenida, outro jornal chamado “*Harper’s Weekly*” (ANDRADE, 2004), publicou o foto jornalismo da rua mostrando novamente como eram as avenidas após o problema resolvido.

Em expedição feita a Caracará, Theodor Koch- Grünberg pôde fazer registros de indígenas que tentavam navegar o rio Uraricoera, por difícil o acesso a outros rios, era preciso descer da canoa para passar os obstáculos. Koch visava em suas fotografias imagens de índios individuais ou em grupo, o mais comum procurado por antropólogos daquela época.

Koch- Grünberg, em diversos trabalhos, não leva em consideração o método antropológico de classificação dos grupos étnicos que opera em função dos traços fisiológicos. Este lhe pareça ser vão. Privilegia, ao contrário, os critérios de ordem linguística. Atribui grande importância aos retratos individuais ou aos retratos de grupo e publica- os em volumes separados, mas considera- os como documentação histórica relativa a cada uma das populações no contexto da própria cultura (SCHOEPPF, 2005).

## História de vidas

*George Huebner* nasceu em Dresden, Alemanha, em 1862, cidade que se tornou um grande centro no que diz respeito à produção de materiais fotográficos. “George Huebner (Dresden, 1862 – Manaus, 1935) estabeleceu-se em Manaus no final do século XIX” (VALENTIN, 2007).

Foi em Dresden que Huebner conheceu Oscar Schneider, seu professor, cujo incentivou a efetuar pesquisas científicas e viagens ao Brasil. Em 1898, Huebner se estabeleceu definitivamente em Manaus, após duas visitas anteriores a cidade, a fim de explorar a Amazônia, seus povos e a diversidade da fauna e flora amazônica utilizando a pesquisa de campo e a fotografia, usando-a como forma de caracterizar os grupos indígenas de etnias diferentes da região existentes na época, além de documentar todas ou pelo menos algumas das experiências ocorridas nas pesquisas por meio de correspondências, anotações e fotografias.

Até se fixar, em 1898, definitivamente em Manaus, Huebner já havia passado pela cidade duas vezes: em 1885, a caminho do Peru, e em 1894, antes das expedições para o alto rio Orinoco e para o rio Branco. Seu interesse pela aventura foi despertado através do convívio, ainda em Dresden, com seu professor Oscar Schneider, naturalista e membro de diversas sociedades científicas. Foi ele quem lhe abriu as portas para publicar artigos e fotografias em revistas especializadas em aventuras, geografia e história natural (VALENTIN, 2008).

Neste período, o Estado do Amazonas vivia o auge da comercialização da borracha, devido ao alto índice de exportação do produto para o exterior, produto este que movia os seringais e sustentava a economia local, dando suporte para o crescimento das cidades, principalmente Manaus, onde foi construído o Teatro Amazonas, no centro da cidade.

Este período, que vai do final da década de 1870 até o início da década de 1910, ficou conhecido como o “primeiro ciclo da borracha”. Ao longo destes anos a borracha se tornou o segundo produto no ranking de exportação do país, perdendo apenas para o café, e as cidades de Belém e Manaus passaram por grande modernização, sendo a construção do ostentoso teatro de Manaus o maior legado da opulência deste período (FILHO, 2011).

A partir daí, Huebner passou a fotografar indígenas não só no campo, mas também em seu estúdio. Após a queda da borracha, Huebner passou a sobreviver do capital gerado pelo estúdio. “Após passar adiante a “Photographia Allemã” em 1920 e até a sua morte, em 1935,

George Huebner se dedicou exclusivamente ao manejo, e à coleta de espécies da flora amazônica” (VALENTIN, 2008).

*Theodor Koch-Grünberg* nasceu na cidade de Grünberg, região de Oberhessen na Alemanha em 1872. Koch foi um grande etnólogo, demonstrava gosto pela imagem e aprendeu a fotografar ainda quando adolescente. Dedicou-se ao estudo das comunidades indígenas da América do Sul, suas características e principalmente o vocabulário indígena. Sua contribuição por meio de suas pesquisas científicas foi essencial para o conhecimento da região e seus povos. Koch é considerado um dos maiores na pesquisa de campo até hoje, de modo que, suas experiências lhe renderam reconhecimento.

Sua formação inicial foi como filólogo, historiador e geógrafo, o que lhe permitiu prestar exames para o magistério. Ele sempre gostou de índios e brincava com os amigos nos campos e florestas em volta de sua cidade natal. Seu sonho de conhecer índios de verdade se concretizou quando, em 1898, ele participou como fotógrafo e pesquisador da segunda expedição de Hermann Meyer ao Xingu (VALENTIN, 2008).

Após esta primeira viagem e de volta a Alemanha, em 1901, Koch abandonou a carreira de professor, e passou a trabalhar como voluntário no Museu Etnográfico de Berlim. Dois anos depois ele fez sua segunda expedição ao Brasil, o capital para esta pesquisa foi cedido pelo próprio Museu.

Em 1902, foi contratado como pesquisador assistente trabalhando sob a tutela do pesquisador Karl von den Steinen. Nesse mesmo ano, ele obteve seu doutoramento na Universidade de Würzburg e, no ano seguinte, foi patrocinado pelo Museu de Berlim para empreender sua primeira viagem de pesquisa ao Brasil. Durante dois anos ele percorreu o alto rio Negro, com o objetivo de coletar peças etnográficas pesquisar os vocabulários de diversas etnias e, principalmente, explorar uma região até então desconhecida (VALENTIN, 2008).

Na terceira vez no Brasil, ele levou consigo apenas um auxiliar alemão, Hermann Schmidt, além de três acompanhantes indígenas de etnias diferentes, para ajuda-los na locomoção, levar equipamentos e também facilitar na comunicação com as comunidades. Foi por meio das anotações de Koch que Mario de Andrade se inspirou para produzir a obra *Macunaíma*.

Dessa viagem, foi publicada “Do Roraima ao Orinoco” em cinco volumes no período de 1916 a 1928. É considerada obra de referência e de grande importância para a etnografia dos povos de língua Karib (hoje conhecida por Pemon) e a etnologia do norte amazônico. (VALENTIN, 2008).



Em 1924, apesar de propor para si a não fazer mais viagens de pesquisa, Koch decide acompanhar o americano Alexander Hamilton Rice em uma expedição que iria percorrer a região do Orinoco. Porém, Koch adoeceu, contraiu malária, e morre aos 52 anos, em Vista Alegre, no atual Estado de Roraima.

### **História dos fatos**

Theodor Koch-Grünberg tinha 31 anos quando chega à Manaus em 1903, em sua expedição ao Alto Rio Negro, sendo patrocinado pelo Museu de Etnografia de Berlim, quando conhece George Huebner, na época com 41 anos, havia se estabelecido como fotógrafo em Manaus desde 1898. A relação entre Theodor e Huebner se torna freqüente, pois ambos trabalhavam com pesquisa e documentação etnográfica, visada aos povos indígenas da região Amazônica no norte do continente Sul Americano.

Apesar da diferença de idade, a experiência de ambos contribui para o encaminhamento das pesquisas. A partir de 1905, quando Koch volta à Alemanha, após dois anos no Brasil, é que começa a troca de correspondências entre os dois. As fotos a respeito de suas respectivas pesquisas eram utilizadas freqüentemente. Foram cerca de vinte anos de comunicação por meio de cartas. Houve uma paralisação no envio das cartas por aproximadamente cinco anos porque começara a I Guerra Mundial.

Ou seja, era possível enviar cartas, porém não se tinha certeza da entrega ao destinatário. No próximo trecho, da carta enviada de Manaus no dia 2 de março de 1906, Huebner para Koch, percebe-se a troca de informações em função da pesquisa. Neste caso, foram enviadas fotos e novas palavras do vocabulário indígena – Huebner sabia do interesse que Koch tinha por essa área.

Hoje, consigo, enfim, cumprir minha promessa de enviar, por intermédio do próprio senhor Dusendschön, tanto as fotografias quanto o léxico yauapéry. A quantidade de palavras, infelizmente, não é muito grande, porque grande parte dos índios não entende o português. Por sorte, um jovem tenente, que participou da expedição, e que, por ser homem inteligente, havia aprendido algumas palavras em yauapéry, ajudou-me (SCHOEPF, 2005).

Toda ou qualquer informação envolvendo indígenas na Amazônia, Huebner fazia questão de enviar ao seu amigo, assim, Koch poderia mandar os documentos e fotos para publicação, o que lhe rendeu algumas obras, já citadas neste artigo. Como se pode notar a seguir, na carta do dia 12 de abril de 1907 – de Manaus, Huebner para Koch:

Escrevi-lhe há pouco tempo e hoje o faço novamente para enviar-lhe, anexas, algumas fotografias dos macuxis e dos uapixanas. Essa gente, que veio do Rio Branco, esteve recentemente em minha casa, e aproveitei a ocasião para fotografá-los especialmente para você (SCHOEPF, 2005).

Quando tinha oportunidade, Huebner levava indígenas ao seu estúdio ou à sua casa para fotografá-los. Huebner agia também como um atualizador da situação no estado do Amazonas, no trecho a seguir, carta enviada do Pará no dia 7 de maio de 1908, ele está abordando o clima da região e a dificuldade de lhe dar com a umidade e a fotografia na época:

Em Manaus, temos, neste ano, uma estação de chuvas excepcionalmente forte e persistente. Mesmo os moradores mais antigos não se recordam de ter passado por situação semelhante. Até o dia de minha partida de Manaus, 26 do mês passado, choveu quase todos os dias sem exceção. A umidade, devido à chuva persistente, tem causado sérios estragos em nossa loja. Só as cópias fotográficas mais recentes não foram danificadas pelo bolor (SCHOEPF, 2005).

Como um bom articulador, Huebner atuava na organização das viagens ao interior da floresta amazônica, apresentando amigos (contatos) conhecedores dos locais no qual seria o destino da expedição. No trecho da carta do dia sete de dezembro de 1923, Huebner escreve para Koch referindo-se a objetos que ele havia indicado neste caso ao doutor Douglas Melin:

Além do mais, seus equipamentos são insuficientes. Trouxeram pouquíssimos objetos para trocar com os índios, mesmo que eu tenho insistido para que trouxessem o tanto quanto fosse possível. Não levaram nem mesmo um só machado, apesar de os índios terem grande necessidade deles (SCHOEPF, 2005).

George Huebner e Theodor Koch-Grünberg trocaram correspondências até a morte de Koch em 1924 (na região de Vista Alegre, no atual estado de Roraima). Alguns trechos foram aqui citados para mostrar a relação por meio das cartas que eles mantiveram durante aproximadamente 20 anos.

### **A fotografia de Roraima e o Fotojornalismo**

A fotografia veio trazer ao meio jornalístico a possibilidade de relatar acontecimentos, por meio das figuras, que falam bem mais que textos escritos, e a probabilidade em registrar imagens instantâneas fizeram com que o fotógrafo desse início a partir da captação das imagens, noticiar a passagem de um evento em percurso.

O grande fotógrafo paisagista de origem alemã Augusto Stahl, que atuou inicialmente em Recife e mais tarde no Rio de Janeiro, realizou em 22 de novembro de 1859 uma primordial “reportagem fotográfica” do desembarque de “Suas Majestades Imperiais”, D. Pedro II e D. Thereza Cristina Maria (ANDRADE, 2004)

Com o surgimento da fotografia e a oportunidade de publicar notícias de vários lugares nos jornais, fotógrafos buscavam imagens importantes ou impactantes que aconteciam ao redor do mundo. Exemplo disso, um dos precursores em reportagem fotográfica, Juan Gutierrez Padilla, foi o primeiro mártir em transmitir por meio de registros, a Revolta Armada.

O registro fotográfico da Revolta da Armada [realizado por Gutierrez] foi o primeiro grande trabalho de fotojornalismo realizado no país. Sua morte em Canudos, no trágico da batalha, transformou-o no primeiro mártir do fotojornalismo brasileiro (ANDRADE, 2004).

Em 1875, chega ao Brasil Raphael Augusto Bordallo Protes Pinheiro, artista gráfico e caricaturista que colabora na imprensa ilustrada carioca com a publicação de textos impressos a partir de composições tipográficas e imagens impressas a partir de matrizes xilográficas para que ambas pudessem conviver e dialogar. A passagem de Raphael Bordallo pelo Brasil é responsável por um dos momentos mais marcantes relacionados ao nascimento da fotorreportagem na imprensa carioca.

Com a ajuda de um amigo e colega de trabalho, José do Patrocínio, Raphael Bordallo publica na primeira página do número 20 de julho de 1878 de *O Besouro*, duas fotografias como denúncia, a respeito da seca no Ceará. Esse acontecimento foi no ano de 1877 a 1878 (ANDRADE, 2004), quando uma seca devastou o Nordeste Brasileiro, foi a maior daquele século e atingiu em especial a capital Cearense.

José do Patrocínio, jornalista, se depara com um cenário chocante e miserável quando chega ao Ceará, durante a viagem as paisagens eram encantadoras e tudo colaborou para que ele pudesse relatar notícias e enviar para o jornal de textos no qual trabalhava intitulado: *A Gazeta de Notícias*, mas ao encontrar a verdadeira miséria no Ceará, Patrocínio decidiu enviar imagens feitas naquele lugar ao jornal “*O Besouro* folha ilustrada, humorística e satírica” (ANDRADE, 2004), de seu colega Rafael Bordallo, no qual essa notícia através de fotografias ganharam repercussão pelo fato de ser denúncias de um povo que vivia num estado de calamidade e miséria, uma população doente e inválida que morria nas ruas. Com toda a retórica e eloquência que o jovem jornalista possuía, não era o suficiente para descrever aquela situação.

O objetivo de Bordallo era representar a notícia por inteiro, através das cópias fiéis das fotografias. “Tudo indica que a ele se deve o primeiro uso da fotografia como instrumento de denúncia, um fato grave que o poder constituído se rejeitava a reconhecer” (ANDRADE, 2004, pág. 196).

Uma reportagem fotográfica foi intitulada “Como Tammany Hall negligencia as ruas de Nova York”, o repórter ao aduzir as imagens, queria usar a notícia como denúncia inserindo fotografias mostrando as péssimas condições da rua. Logo após as críticas atendidas a respeito da avenida, outro jornal chamado “Harper’s Weekly” (ANDRADE, 2004), publicou o foto jornalismo da rua mostrando novamente como eram as avenidas após o problema resolvido.

Koch-Grünberg e George Huebner elaboraram um acervo fotográfico que possibilita conhecer cada situação e momento das viagens e pesquisas que fizeram. As fotografias que analisamos são documentos científicos, são imagens que testemunham a presença do objeto fotografado no respectivo tempo e espaço, transmitindo informações sobre o que está acontecendo ou o que aconteceu. Sendo assim, essas iconografias podem ser utilizadas no fotojornalismo. As fotos analisadas são do livro de Koch “Vom Roroima Zum Orinoco - Ergebnisse einer reise in nord Brasilien und Venezuela in den jahren 1911-1913” (tradução própria: De Roraima ao Orinoco - Resultados de uma viagem no norte do Brasil e Venezuela nos anos 1911-1913. Vol.1).

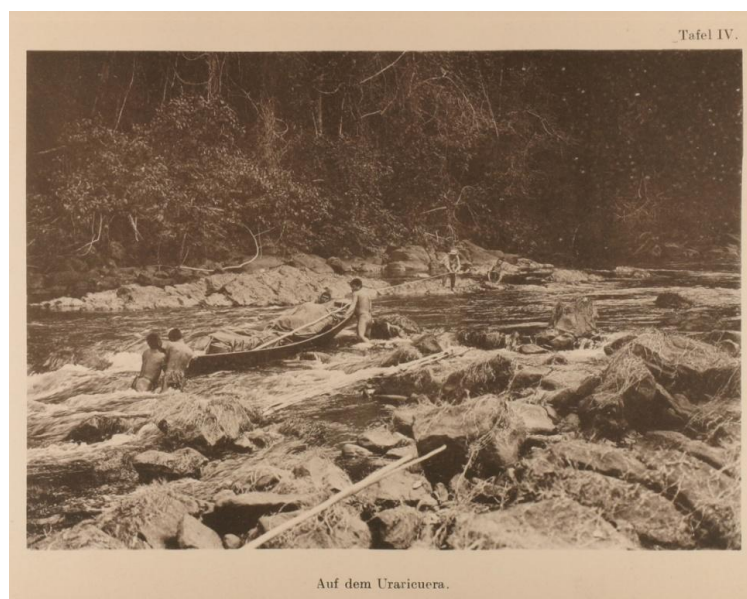


Foto 01 - tradução própria: Tafel IV - negativo IV; Auf dem Uraricuera - no Uraricoera)

Fonte: Vom Roroima Zum Orinoco - Ergebnisse einer reise in nord Brasilien und Venezuela in den jahren 1911-1913 - pág. 161

A Foto 01 foi produzida em 1911, em uma excursão comandada por Koch. Essa imagem pode transmitir como notícia a utilização da mão-de-obra dos índios – quatro índios (que identificamos pelas vestimentas) dentro d’água e um fora puxando a corda, este sendo ajudado por um não índio, provavelmente um contratado de Koch. Os traços da foto permitem perceber a força da correnteza do rio Uraricoera. O fotógrafo procurou expor na foto não só os obstáculos enfrentados na travessia, mas também o contexto na floresta amazônica, local onde foi feita a viagem.



Foto 2 (pág. 376) - (tradução própria: refeição matinal no karamakate):

Fonte: Vom Roroima Zum Orinoco - Ergebnisse einer reise in nord Brasilien und Venezuela in den jahren 1911-1913 - pág. 376

A Fotografia 02 é de 1911. Analisando-a percebe-se que o fotógrafo procura aduzir o ambiente no qual está situado, em segundo plano há uma construção indígena, feita a base de barro, madeira e palha. Em primeiro plano o índio à esquerda e Koch-Grünberg à direita, os dois sentados, dando sinal de igualdade entre eles. Como notícia, notamos que o não índio está buscando e trocando informações durante uma refeição, no local onde acontece a expedição, fazendo assim uma possível amizade com um integrante da tribo, há então uma relação pacífica entre os dois, entre índio e não índio.

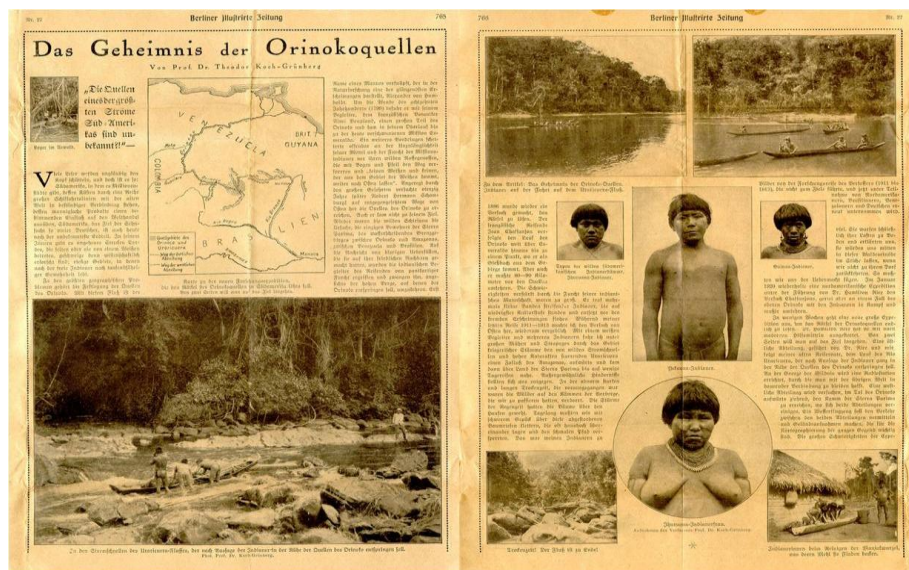


Imagem 01 – Jornal Berliner Illustrierte Zeitung de 06/07/1924

Fonte: <http://www.berliner-zeitung.de/archiv/das-ethnologische-museum-in-berlin-dahlem-zeigt-in-illustration-ueber-deutsche-brasilienforscher-seltene-sammlungsstuecke-abenteuerer-im-dienst-der-wissenschaft,10810590,9995876.html>

Em expedição feita a Caracaraí, Theodor Koch- Grünberg pôde fazer registros de indígenas que tentavam navegar o rio Uraricoera (Imagem 01), por difícil o acesso a outros rios, era preciso descer da canoa para passar os obstáculos. Koch visava em suas fotografias imagens de índios individuais ou em grupo, o mais comum procurado por antropólogos daquela época.

Com o título “O mistério das fontes Orinoco” o Berliner Illustrierte Zeitung de 06/07/1924 traz as fotos de Koch- Grünberg para completar o texto do Jornal. De acordo com Sousa (2002), as fotografias utilizadas no jornalismo possuem a característica de, em conjunto com o texto, transmitir informação útil para a sociedade.

Durante nossa pesquisa não encontramos registro de imagens produzidas em Roraima e utilizadas como fotojornalismo anteriores a 1920. Levando em consideração que George Huebener e Koch-Grünberg foram os primeiros a produzirem fotografias em Roraima. Podemos afirmar com alguma segurança que as imagens do Jornal Berliner Illustrierte Zeitung de 06/07/1924 são as primeiras fotografias de Roraima utilizadas como fotojornalismo em um jornal estrangeiro. A partir dessa descoberta nossa pesquisa continua em busca da primeira fotografia de Roraima desta vez utilizada em um jornal brasileiro.

### Referências Bibliográficas

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1839 - Louis Daguerre demonstra o daguerreótipo.** Conteúdo/notícias, 2011. Disponível em:

<<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/14473/hoje+na+historia+1839++louis+daguerre+de+monstra+o+daguerreotipo+.shtml>>. Acesso em: 21 de jun. 2012.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

FILHO, M. A. M. B. O. **A luta dos seringueiros e a criação das reservas extrativistas: os trabalhadores da borracha numa perspectiva histórica**. Revista Eletrônica, Livraria do CEMOP. 2011. Disponível em: <<http://www.memoriaoperaria.org.br/revistaeletronica/a-luta-dos-seringueiros.pdf>> Acesso em: 25 de jun. 2012.

**FOTOGRAFIA no Brasil**. Itaú Cultural, 2008. Disponível em: < [www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-fotografia](http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-da-fotografia)>. Acesso em: 26 de jun. 2012.

**DICIONÁRIO do Aurélio Online**, 2008-2012. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/> Acesso em: 25 de jun. 2012.

FRANK, Erwin H. **Objetos, imagens e sons: a etnografia de Theodor Koch-Grünberg (1872-1924)**. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. [online]. 2010, vol.5, n.1, pp. 153-171.

GRÜNBERG, Koch. **Vom Roroima Zum Orinoco - Ergebnisse einer reise in nord Brasilien und Venezuela in den jahren 1911-1913. Volume 1**. Erster band schilderung der reise mit 6 volltafeln und 109 abbildungen in lichtdruck Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), in berlin 1917.

GUERREIRO, Diogo. **Início da fotografia (1826) – Parte 1**. Fotografia dg, 2012. Disponível em: <<http://www.fotografia-dg.com/inicio-da-fotografia-1826/>> Acesso em: 17 de jun. 2012.

**HISTÓRIA da fotografia**. FUJIFILM do Brasil Ltda, 2007. Disponível em: <[http://www.fujifilm.com.br/comunidade/historia\\_da\\_fotografia/index.html](http://www.fujifilm.com.br/comunidade/historia_da_fotografia/index.html)> Acesso em: 17 de jun. 2012.

MANO, Tania Maeta. **História da Fotografia**. Projetos, 1998. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/mylene/grad/Projetos/sites98/taniamm/Historia%20da%20fotografia/hist%20C3%B3ria\\_da\\_fotografia%2002.htm](http://www.eca.usp.br/prof/mylene/grad/Projetos/sites98/taniamm/Historia%20da%20fotografia/hist%20C3%B3ria_da_fotografia%2002.htm)>. Acesso em: 17 de jun. 2012.

PORTO, Gabriella. **Daguerreótipo**. Fotografia, 2011. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/fotografia/daguerreotipo/>>. Acesso em: 21 de jun. 2012.

SALLES, Filipe. **Breve história da fotografia**. Memória e imagem, 2008. Disponível em: <[http://www.mnemocine.art.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=108:histfoto&catid=46:fotohistoria&Itemid=68](http://www.mnemocine.art.br/index.php?option=com_content&view=article&id=108:histfoto&catid=46:fotohistoria&Itemid=68)>. Acesso em: 17 de jun. 2012.

SCHOEPF, Daniel. **George Huebner (1862-1935) Um fotógrafo em Manaus, 2ª edição** (português). Metavídeo SP Produção e Comunicação Ltda, 2005.

VALENTIN, Andreas. **O índio na fotografia de George Huebner**. Cadernos de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, 2007. 15p.

\_\_\_\_\_. **George Huebner e Theodor Koch-Grünberg: Diálogos na Amazônia, 1905-1924**. Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008. 26p.

\_\_\_\_\_. **Os “Indianer” na fotografia amazônica de George Huebner (1885-1910)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Tese (doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.